

SOBRE AS INSISTENTES FANTASIAS¹

Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho²

Ao digitarmos fantasias infantis no Google aparecem imagens, em sua maioria, de crianças já fantasiadas de Homem-Aranha, Batman, personagens do Frozen, Branca de Neve, entre outras. As imagens remetem às crianças já fantasiadas muito mais do que as vestimentas em si, ou seja, as roupas, sem as crianças, aparecem menos. Uma análise com viés psicanalítico está além de uma busca no *Google* sobre fantasias infantis, mas essa busca já nos diz algo sobre fantasias. Por um lado, uma roupa esperando crianças para vesti-las, por outro, crianças já vestidas com suas fantasias. Percebe-se uma grande quantidade de fantasias a escolher.

Há um terceiro nessa cena, que está oculto. O sujeito provedor desse desejo das fantasias da criança, o Pai ou a Mãe que busca, talvez ao lado da criança, atender da forma que julga correta, dentro de seu contexto, a realização de um desejo de uma criança. Possivelmente, pais sadios, não irão atender ao seu próprio desejo adquirindo uma fantasia sua para o filho. Numa outra realidade, como a de famílias sem condições de atender aos desejos de fantasias dos filhos, caberá talvez, apenas, a fantasia de atender o desejo de uma fantasia do filho. Esse adulto provedor, talvez pela frustração, culpa ou raiva por não poder adquirir a fantasia da criança, continuará fantasiando por dias, meses e sabe lá por quanto tempo.

Na imaginação dessa cena, nesse momento, de uma busca de uma fantasia em um núcleo familiar, são várias fantasias justapostas, as da criança, as dos pais e as do leitor, o que me leva a um questionamento natural. Será que os adultos sabem que também fantasiam? Talvez o estudo de análise de crianças possa contribuir para com uma resposta plausível.

A análise de uma criança na clínica encontra desafios, como a capacidade de associações pelo verbo, como também da impossibilidade de uma criança permanecer deitada no divã, entre outras. Frente a esses desafios, psicanalistas elaboraram diferentes abordagens para escutar a manifestação do inconsciente nas

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Estudos Psicanalíticos no CPRS em 17/04/2021.

² Candidato em formação psicanalítica no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul. Bacharel e Mestrando em Filosofia – Unisinos.

crianças, sugerindo outros métodos como pelo desenho, jogos, brincadeiras e contos.

A primeira ação que realiza a criança, assim como o tempo que transcorre até que a inicia, nos ensina muito sobre sua atitude frente ao mundo; o grau de inibição de jogo que manifesta é índice da gravidade de sua neurose. Veremos logo que a primeira sessão é de importância muito especial, porque nela a criança mostra qual é a sua fantasia inconsciente de enfermidade e de cura e como aceita ou rejeita o nosso papel como terapeuta. (ABERASTURY, 1986, p.98)

Aberastury (1986) então relata não só a possibilidade de reconhecer fantasias de enfermidade como também de cura já no primeiro encontro. Descreve também que as crianças percebem que algo está errado com elas. E me pergunto, o que sabem essas crianças sobre a realidade. Me recordo que, certa vez, ao contar a história da formiga falante no mato que balança, já na cama de meu filho de apenas 4 anos, prestes a dormir ele, muito interessado nas minhas histórias me disse: “Tá pai, agora conta uma história de verdade!”. Sim, elas sabem distinguir algo sobre a realidade. Melanie Klein (1991) teoriza sobre a fantasia de crianças em tenra idade, e porque não dizer recém-nascidos. A partir das fantasias ocorre o amadurecimento do psiquismo num período tão vulnerável, ou melhor, tão arcaico nos dizeres da psicanalista. E complementa que o funcionamento arcaico desse recurso psíquico irá acompanhar o ser humano até a vida adulta. Mas antes de entrarmos em Klein, é necessário dar uma passada por Freud a fim de compreender o que vem a ser a realidade psíquica.

A força psíquica em conexão com a realidade e fantasia mostra-se importante, remete a origem da psicanálise, quando Freud percebe em seus pacientes histéricos uma curiosa relação com a realidade (ROUDINESCO, 1997). Verificou-se que a relação desses pacientes com os objetos, as pessoas, os afazeres, aquilo que buscavam, faziam parte do seu cotidiano. Era uma relação mediada, entre eles (os pacientes) e a realidade. Essa mediação era por investimentos, expectativas, por modos de se relacionar, maneira de reagir, forma de localizar a outra pessoa e modos específicos de esperar algo dos outros. A mediação não necessariamente atrapalhava o sujeito com a realidade, observa Freud (LAPLANCHE, PONTALIS, 1983). Elas determinam o modo de como o indivíduo organiza a realidade.

Frente a essa situação, Freud (ROUDINESCO, 1997) irá estabelecer a diferença entre realidade e a realidade psíquica. A realidade psíquica é o local desde o qual o sujeito lida com a realidade. Percebe-se que a distinção entre essas realidades não é dicotômica, portanto, tanto uma quanto a outra coexistem. A maneira como lidamos com o concreto é sempre pela realidade psíquica, então não se pode entender a realidade psíquica como algo abstrato. A realidade psíquica então é como um envoltório que contribui com a nossa relação com os objetos e por consequência, com a realidade. Não há como lidar com o concreto sem lidar com a realidade psíquica.

Freud faz uma distinção de fantasia no sentido de imaginação, de devaneio, de construção, de narrativas, de lembranças, que também podem ser fantasias. Escreve também sobre as fantasias inconscientes que estão ligadas ao desejo, que vinculadas às pulsões, irão aparecer como conteúdo nos sonhos. Poderão as fantasias se transformar em sintomas, devido a sua origem nas pulsões. Por fim, inaugura o termo *fantasias originárias* para melhor defini-la. O marco dessa história foi quando Freud constatou que nem todos os casos de histeria ocorreram conforme descritos, e muitos nem ocorreram, em os *Estudos sobre a histeria*.

As fantasias referem-se, portanto, a encenações que podem levar a dramatizações, a partir de pequenas histórias contadas para si mesmo, aquelas em que o sujeito está sempre presente, mesmo que seja só um observador da cena. A cena imaginada permite que o sujeito ocupe lugares diferentes mesmo que ele não se dê conta disso. Freud percebeu essas fantasias em adultos, através da elaboração dos sonhos, embora tivesse percebido esses casos de histeria como relatos da infância dos pacientes.

Contudo, sobre a fantasia na infância, Melanie Klein (1996) irá basear boa parte de sua teoria à luz das fantasias inconscientes, para a qual irá colocar um *ph* na palavra, a fim de diferenciar as conscientes das inconscientes. Para Klein, as fantasias são de extrema importância à medida que apontam um funcionamento mental primário, com início no primeiro ano de vida. As fantasias são representantes das pulsões, não só libidinais como defende Freud, como também agressivas.

O trabalho analítico demonstrou sem sombra de dúvida que bebês com poucos meses de idade já entregam-se à construção de fantasias. Creio

que essa é a atividade mental mais primitiva e que as fantasias já estão na mente do bebê quase desde o nascimento. (KLEIN, 1996, p.331)

Por serem primitivas, não possuem uma continuidade, são instáveis e contraditórias. No entanto, dado a um psiquismo em construção não poderia ser diferente seu funcionamento, correspondendo a um amadurecimento progressivo.

As interações mãe e bebê terão o potencial de iniciar as fantasias, calcadas na provisão ou frustração. Essa constatação irá garantir uma relação com a mãe que irá refletir no desenvolvimento das posições defendidas por Klein de esquizoparanoide e depressivas. São fantasias sustentadas no primeiro e principal objeto pela exploração do seio materno, que serão fundamentais na interpretação do mundo pela criança, frente ao que ela irá dar e receber aos seus objetos (KLEIN, 1991).

Dessa forma, como resultado das funções das fantasias, as principais atividades que serão desenvolvidas pelo psiquismo em tenra idade são, “[...] a realização de desejos; a negação de fatos dolorosos; a segurança em relação aos fatos aterrorizadores do mundo externo; o controle onipotente [...] a reparação, dentre outras.” (OLIVEIRA, 2007, p.84). A criança irá se relacionar com a mãe pela fantasia, e progressivamente, devido à relação objetal, relações mais complexas e processos cognitivos irão assumir sua posição no psiquismo.

Para Klein, a relação com o objeto da pulsão acontece quando o bebê internalizou o seio bom e o seio mau, pelas vias da introjeção e projeção. Isso só será possível porque há um movimento interno no bebê de diminuição da ansiedade persecutória, originada no medo de aniquilação, em relação a ansiedade depressiva, que é a internalização do amor e do ódio (KLEIN, 1991, p, 73). A pessoa amada que havia sido agredida pelo bebê agora é sentida de modo ambivalente, ela pode estar perto e longe, aumentando os sentimentos de reparação. A realidade psíquica agora se dá com objetos completos, que reclamam, que retornam ao bebê seus desejos, de tal sorte que ele se vê diante da realidade do outro.

Nesse texto, Klein (1991, p.73) discorre sobre a culpa, que, motivada por uma ansiedade, o ego recorre de forma intensa à defesa maníaca para se livrar da ansiedade depressiva. Nesse posicionamento, o bebê tende a “[...] preservar, consertar, ressuscitar os objetos amados: a tendência a fazer a **reparação**.” (KLEIN,

1991, p.57). E esse é o ponto importante. A constatação de que há uma fantasia inconsciente é a de que, inconscientemente, há os ressentimentos com os pais que não são percebidos. As agressões nas fases arcaicas do ego, fruto de necessidades autoeróticas, alicerçadas por impressões e medos, aos poucos cede à posição depressiva, à possibilidade de reparação. É um processo de retrospecto que tenta reparar os danos originados por aquelas fantasias lá quando o psiquismo estava imaturo.

Klein (1991, p.59) afirma que a culpa está vinculada à ansiedade depressiva de forma indissolúvel e acaba conduzindo o psiquismo a esse comportamento de reparação. A ansiedade depressiva, diante da realidade psíquica, será elaborada por um processo que o ego sintetizou os impulsos destrutivos e os sentimentos de amor a um único objeto. Dessa forma, um ciclo se estabelece porque os desejos e as fantasias não podem ser satisfeitos na infância. A busca de um relacionamento na fase adulta será balizado inconscientemente por uma relação onde “[...] há amor e gratificação sexual mútua a feliz recriação da sua vida familiar inicial” (KLEIN, 1996, p. 354). Em outras palavras, o adulto irá realizar o alívio das fantasias incestuosas da infância, bem como de sua culpa, na reparação que busca incansável e inconscientemente somente na fase adulta. O ato de reparação para Klein (1996, p. 354) é um “[...] elemento fundamental do amor e de todas as relações humanas”. Sendo um ato de amor, na busca de reparação, antes é um amor para consigo mesmo.

Sendo assim, respondendo à pergunta inicial desse texto ‘Será que os adultos sabem que também fantasiam?’, Klein (1996) afirma que enquanto não houver a reparação, a fantasia permanecerá na vida adulta. Portanto, o adulto não só fantasia como deve fantasiar, a fim de se livrar da ansiedade/angústia com a finalidade última de reparação. Porém, se os adultos sabem ou não se fantasiam, ao que tudo indica, sendo fantasias inconscientes, pela teoria de Klein, a resposta é não.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança*. Porto Alegre: Artmed, 1982.

KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos*: (1946-1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIN, Melanie. *Amor culpa e reparação: (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*, 7 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.

OLIVEIRA, M.P. *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. Winnicott E-Prints, São Paulo, vol.2, n. 2, p. (80-98), 2007.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.